

27º Fórum INAE

Comentários sobre a competitividade tecnológica do Brasil à luz de um estudo comparativo com o Vale do Silício

*Rodrigo da Rocha Loures
Maio 2015*

A questão crucial para inserção do Brasil na competição tecnológica global está em que temos pouca bala na agulha na área de pesquisa e desenvolvimento.

Basta comparar o orçamento de uma universidade como a UC Berkeley, ou Stanford ou então o MIT versus orçamento total do MCTI.

O orçamento anual da UC Berkeley é de US\$ 20 bi+ (destes, 20% apenas é recurso federal ou do governo). Só a doação dos ex-alunos (Alumni) em 2013 foi de US\$ 3.5 bilhões. Nosso MCTI conta um orçamento em torno de US\$ 4 bi/ano, percebemos, então, que este valor não faria muitas cócegas numa única universidade nos EUA.

Além disso, no Vale do Silício, ideias sendo financiadas pelo venture capital e angel investors é outro enorme volume de recursos que dão vazão à muitas das iniciativas de empreendedores/inovadores independentes em busca de soluções que depois poderão interessar a alguma empresa maior. Com uma vantagem: os investidores tem sensibilidade para o negócio e sabem da velocidade necessária. Tudo se passa muito rápido com contratos de uma ou duas páginas e pronto.

VELOCIDADE é a palavra. Aqui nós temos a “embromation” que é um verdadeiro inferno para quem tem espírito empreendedor. Qual a causa disso?

Acho que, como sabemos pouco das coisas, demoramos demais para decidir. Vamos muito pelo “feeling” nem sempre fidedigno, e queremos garantia da certeza sem risco. Não há como querer pesquisar um tema novo e arriscar numa ideia com esta atitude.

Miremo-nos no exemplo da Google. Ela é hoje talvez uma das maiores universidades de pesquisa mundo. Só ali em Mountain View ao lado de Palo Alto e Stanford, ela tem 50 prédios e 50.000 funcionários, a maioria pesquisadores com um ambiente de trabalho inovador que faça o pesquisador sentir-se em casa, num clube ou local que incentive a associação de ideias e a cooperação, criando oportunidades para que as sinapses aconteçam o tempo todo. A menos de 15 minutos dali ela construiu um novo campus (que é como ela chama as bases dela) com mais 20 prédios e mais 20.000 funcionários.

Eles pesquisam alternativas para o automóvel a combustão, ao congestionamento de tráfego nos grandes centros urbanos, em tecnologias para educação à distância que possa ser levada para locais distantes como a África ou o Amazonas. Novos alimentos ou fontes de nutrição, tecnologia limpa e energia.

Para mim ela é o modelo da nova universidade e é uma empresa privada, cujos criadores e CEOs são formados na UC Berkeley e Stanford com sólida formação científica.

Talvez fosse mais barato para o Brasil fazer um acordo com a Google para dar bolsas para nossos talentos em diversas áreas, para trabalharem num campus da Google e não numa universidade com todos os ranços que ainda tem.

A inovação pode acontecer tanto na empresa como nos grandes laboratórios das universidades americanas. Então, querer criar um muro entre estas duas instituições: universidade versus empresa privada é bobagem. Precisamos aproximar mais estas duas fontes de inovação e fazer o professor pesquisador ter uma carreira como tal e não como autor de artigos.

O que precisamos, com urgência e muita determinação, é acabar com este modelo acadêmico que parece uma vestal perante o pecado (mercado), e com esta mania de se medir sucesso pelo número dos artigos científicos sendo produzidos. Quem usa os resultados destas publicações, quando prestam, são os americanos, chineses e europeus. Nós ficamos nos dando tapinhas nas costas por mais um artigo e mais cinco pontos na CAPES. Simplesmente, *no sense*.

Não existe o critério de qualidade do artigo do ponto de vista da aplicação, só da elegância formal e do esnobismo intelectual citando autores.

A nossa universidade e o meio acadêmico estão precisando de uma varredura geral, peneirando de forma a ficar só com quem queira produzir pesquisa aplicada. Adotando novos critérios discutidos com a indústria (pecado mortal) e fazer tanto os professores como os alunos, elevarem o escopo de suas preocupações acadêmicas.

É evidentemente um desperdício de tempo, o aluno queimar pestana pra fazer o seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) em cima de probleminhas banais e mal definidos só para cumprir tabela. Quer dizer, o aluno aprende já na escola a não alimentar grandes expectativas e não se ver como parte da solução do problema.

Formamos desencantados e buscadores de emprego (o pior é que é qualquer emprego que pague mais ou menos dentro do que ele precisa para sobreviver). Se fosse ainda dentro da área em que se formou vai lá, mas infelizmente o número de subempregados e deslocados da sua profissão original é muito alto no Brasil.

E o conformismo típico de nossa cultura faz o cara ir levando a vida e a carreira. Alguns têm sorte e encontram algo melhor, mas a maioria assume a frustração.

Não é com um “astral” assim que o país vai ter inovação ou cabeças inovadoras como aquelas que vemos todos os dias no Vale do Silício.

Nós temos “colegiões”, não universidades para adultos.

Para inovar e empreender você precisa de segurança, liberdade, suporte físico-jurídico-financeiro e mercado.

Nenhum destes itens nós temos. Ou, se os temos são deficitários e não atendem as condições mínimas proporcionadas na Califórnia.

Outro aspecto:

Não existe dinheiro disponível. Não temos investidores de risco. Precisamos de outro modelo onde o capital de risco seja como em Silicon Valley.

O inovador não fica com o compromisso de retornar o capital investido caso não dê certo o empreendimento. O que se faz é buscar entender o que não deu certo.

Em muitos dos casos, o investidor gosta mais do time do que da ideia proposta e procura investir em outro projeto com o mesmo time.

Agora, empreender no Brasil com os juros aqui praticados é um suicídio. Como esperar novas empresas nascer e prosperar com esta carga?

Startups deveriam ser liberadas de toda e qualquer sobrecarga tributária, fiscal, e ter acesso a juros muito baixos. Não é para ganhar dinheiro em cima deles neste estágio e sim no futuro quando forem sólidas e estiverem gerando emprego e renda.

Até banco comercial lá trabalha assim, em alguns casos. O município de São Francisco fornece assistência gratuita e personalizada. Startups latinas recebem a visita de um agente do departamento da prefeitura que dá assistência para a instalação na região, providencia orientação, papelada e tudo o mais que o empreendedor necessite. Tipo de um SEBRAE que funciona para inovação de classe mundial. Um funcionário da prefeitura de São Francisco tem um check-list de itens que são normalmente necessários e faz uma entrevista com quem está planejando instalar sua startup lá.

Um amigo meu relatou-me que assistiu a uma destas entrevistas com o pessoal de uma startup do Rio de Janeiro. *“Lá no primeiro mês, recebi a visita do Fernando que continua próximo, acompanhando a evolução do meu negócio.” sic*

Estamos há anos luz desta condição.

Pontos de atenção prioritária:

1) Balanceamento de uma política top-down x bottom-up, tendo o empreendedor no centro do sistema.

Isso tem ficado claro no comparativo da análise do material colhido no nosso estudo. O Brasil tem optado por uma política top-down favorecendo o fortalecimento das instituições que asseguram (deveriam assegurar) a cadeia de inovação. Cabe ao empreendedor se adequar aos processos dessas instituições, incorrendo muitas vezes numa burocracia enorme que drena recursos, tempo e energia do empreendedor. Como exemplo típico, temos o tempo de aprovação de projetos FINEP, das análises para incubação ou aceleração, etc.

Precisamos inverter essa lógica, colocando o empreendedor no centro dos esforços e colocar as instituições no seu entorno. O ritmo de geração de riqueza tem que ser ditado pelo empreendimento/negócio e não pela agenda das instituições.

Talvez aqui caiba bem a ideia de um "passaporte empreendedor", que faz a pré-qualificação do empreendedor e com ele, todas as demais portas e exigências são resolvidas, acelerando o processo de abertura, crédito, etc.

2) Agenda de inovação liderada pela indústria e não pelo governo.

Aqui cabe proporcionar protagonismo aos nossos empreendedores/investidores na agenda de inovação, substituindo o papel hoje muitas vezes ocupado pelo Governo. Talvez a política de inovação devesse ser conduzida pelo MDIC, subordinando o MCTI e MEC em vários pontos nesta matéria.

Na Alemanha, os dois maiores braços de pesquisa, a básica (Max Planck) e a aplicada (Fraunhofer), são subordinados ao Ministério da Economia.

3) Baixa profissionalização em gestão da inovação.

Temos um deficit de pessoal capacitado para conduzir de fato a inovação. Certamente isso faz "par" com a Cultura de Inovação vigente que também é deficiente, e que pede por um up-grade imenso. A começar pelo SEBRAE e seus consultores que devem estar mais matando boas ideias do que ajudando a identificar novos potenciais de inovações, pela baixa qualificação e falta de experiência do consultor encarregado de julgar o projeto e fazer a mentoria.

Comparando com a qualificação e treino dos profissionais na Bay Area/Vale do Silício, temos muito poucos profissionais com repertório suficiente para avaliar novas ideias. Se formos às universidades, o resultado será pior. Consultorias internacionais são inacessíveis em termos dos valores cobrados.

Capacitação é um ponto crítico em todos os níveis e especialmente no que tange startups. E isso é um caminho longo. Talvez um *short-cut* seria usar da tecnologia a distância e buscar mentores e coaches internacionais para orientar a crítica aos projetos de startups ou do invento ainda na fase de ideia (ideation)-invenção-prototipagem-teste-lançamento-inovação.

Somos carentes de tudo e não nos damos conta disso. Ai penso na ideia do 'curto-circuito', instalando um centro de inovação brasileiro lá no VS para fazer a "ponte" (bridge organizations) e ter assim um outpost nosso para acompanhar o que se passa lá. Funcionando nos dois sentidos: facilitando o *soft-landing* de startups lá e também levando o que há de mais novo e *weak-signals* ainda de inovações que deverão mudar o curso da história em um período breve.